



Universidades Lusíada

Alfaya, Cristiane

Experiência materna de separação aos três meses de vida do bebê

<http://hdl.handle.net/11067/3533>

<https://doi.org/10.34628/d7sw-q476>

Metadados

Data de Publicação

2016

Resumo

A transição para a maternidade está associada a importantes mudanças físicas e psíquicas, especialmente com a chegada do primeiro filho. Autores como Winnicott têm sugerido que desde a gestação a mulher entra numa condição psíquica especial que a coloca num estado de grande disponibilidade emocional, a fim de adaptar-se as necessidades do bebê. Assim sendo, o presente estudo investigou os sentimentos das mães durante as experiências de separação aos três meses de vida do bebê. Participaram do es...

Palavras Chave

Mãe e bebê

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 07, n. 1-2 (Janeiro-Dezembro 2016)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T05:08:50Z com informação proveniente do Repositório

**EXPERIÊNCIA MATERNA DE SEPARAÇÃO AOS TRÊS
MESES DE VIDA DO BEBÊ**

**MATERNAL EXPERIENCE ABOUT SEPARATION AT THREE
MONTHS OF INFANT'S LIFE**

Cristiane Alfaya

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Ciências da Saúde*

Resumo: A transição para a maternidade está associada a importantes mudanças físicas e psíquicas, especialmente com a chegada do primeiro filho. Autores como Winnicott têm sugerido que desde a gestação a mulher entra numa condição psíquica especial que a coloca num estado de grande disponibilidade emocional, a fim de adaptar-se as necessidades do bebê. Assim sendo, o presente estudo investigou os sentimentos das mães durante as experiências de separação aos três meses de vida do bebê. Participaram do estudo 21 mães com idade entre 16 e 38 anos, de diferentes níveis socioeconômicos do Programa de Saúde da Família na cidade de Santo Antônio de Jesus (Bahia - Brasil). A Entrevista sobre a Experiência da Maternidade foi utilizada para investigar os sentimentos das mães durante as experiências de separação. As respostas das mães na Entrevista foram examinadas através da análise de conteúdo. As mães apresentaram sentimentos negativos tais como preocupação, medo, tristeza e culpa frente as situações de separação aos três meses de vida do bebê, independentemente do motivo e do tempo da separação. Os resultados foram discutidos com base na teoria de Winnicott sobre a maternidade, considerando os conceitos de preocupação materna primária, holding, e dependência absoluta.

Palavras-chave: Maternidade, Separação mãe-bebê, Sentimento materno.

Abstract: The transition to motherhood is associated with important physical and psychological changes. Authors such as Winnicott have suggested that since the pregnancy the woman enters a special mental condition that puts in a state of emotional availability in order to adapt to the baby's needs. Therefore, the present study investigated the feelings of mothers during the separation experiments at three months of the baby's life. Participants were 21 mothers aged between 16 and 38, from different socioeconomic levels of the Family Health Program in the city of St. Anthony of Jesus (Bahia - Brazil). The interview on the Maternity Experience was used to investigate the feelings of mothers during the experiences of separation. The responses of the mothers in the interview were examined through content analysis. Most mothers had negative feelings such as worry, fear, sadness and guilt front the first cases of separation after three months of a baby's life. The results were discussed based on Winnicott's theory of motherhood.

Keywords: Motherhood, Mother-infant separation, Maternal feeling.

Introdução

A transição para a maternidade, principalmente quando se trata do primeiro filho, está associada a importantes mudanças físicas e psíquicas. Essas

mudanças são compreendidas como um evento normal no desenvolvimento do ciclo vital (Carter & McGoldrick, 1995; Maldonado, 1990), mas são vivenciadas de diferentes formas de acordo com a história individual e familiar de cada um (Szejer & Stewart, 1997; Prado, 1996; Brazelton & Cramer, 1992).

Autores como Winnicott (1956/2000), Mahler (1982), Cramer e Palácio-Espasa (1993), e Stern (1997) têm sugerido que com a maternidade a mulher entra numa condição psíquica especial que a coloca num estado de grande disponibilidade emocional para o bebê. Este estado de disponibilidade permite que a mulher adapte-se às necessidades do bebê, de forma que o atenda suficientemente bem. Entre os autores mencionados, que investigaram este período, destaca-se Winnicott que propôs o conceito de *preocupação materna primária*. Este conceito é definido como um estado psicológico de sensibilidade aumentada desde a gestação em que a mulher é capaz de identificar-se com o bebê, fornecendo um ambiente favorável ao seu desenvolvimento emocional. Também, indica o estado de dependência absoluta por parte do bebê e da mãe (Winnicott, 1963/1983). Para Mahler (1982), desde o nascimento até o quarto ou quinto mês após o parto, na fase de simbiose normal, mãe e filho estão emocionalmente fundidos em uma matriz única e indiferenciada. Esta indiferenciação é experimentada de maneira intensa pela proximidade física, tanto pela mãe que cuida, como pelo bebê que é cuidado. Cramer e Palácio-Espasa (1993) afirmam que a chegada do bebê desperta nos pais, especialmente nas mães, a revivência de fantasias infantis. Esta revivência promove uma forma particular de funcionamento psíquico denominado *neoformação psíquica*. Com isso, os pais costumam atribuir características e significados aos comportamentos do bebê por meio da identificação projetiva. Apoiando a idéia da existência de um estado psicológico especial no período puerperal, Stern (1997) definiu o conceito de *constelação da maternidade*, a qual se desenvolve na mulher desde a gestação, sendo responsável em determinar as ações, sensibilidades, medos, fantasias e desejos da mulher, após o nascimento do bebê, especialmente com a chegada do primeiro filho. Com destaque para a teorização de Winnicott são revisados a seguir, algumas das suas principais idéias.

De acordo com Winnicott, desde a gestação até as primeiras semanas após o parto, a mulher desenvolve o que chamou de *preocupação materna primária*. Esse conceito refere-se a um estado de funcionamento psíquico especial, caracterizado por uma sensibilidade aumentada, o qual possibilita que a mulher atenda às necessidades do bebê, ao identificar-se com ele, a partir de suas próprias experiências como bebê (Winnicott, 1956/2000). Este estado emocional materno vai diminuindo, pouco a pouco, à medida que o bebê vai desenvolvendo as suas potencialidades, e a mãe percebe que ele está crescendo, tornando-se cada vez mais uma pessoa e necessitando cada vez menos dela. Com isso, a díade mãe-bebê vai deixando o estado de dependência absoluta (Winnicott, 1963/1983), que transcorre do nascimento até, aproximadamente os cinco ou seis meses de vida do bebê, passando para o estado de dependência relativa, com a presença de

uma mãe que foi suficientemente boa e tenha promovido um *holding* adequado (Winnicott, 1960/1983). Durante o período da dependência absoluta e fase de *holding* a mãe é capaz de segurar, manejar e apresentar a realidade para o bebê de maneira sensível e constante, o que segundo Winnicott requer empatia por parte da mãe. Assim, a maturação do ego do bebê é facilitada e, com isso, o bebê pode sentir que existe e que pode vir a ser continuamente, sendo capaz de estabelecer relações objetivas. É o que este autor chama de capacidade do indivíduo de *viver com*.

Winnicott entende não apenas o bebê como em estado de dependência, mas a própria a mãe, já que ela encontra-se identificada com o seu bebê, a fim de satisfazer suas necessidades. Possivelmente, pela presença do estado de dependência e vulnerabilidade na mãe, o autor entenda que seja tão difícil e doloroso para as mães se separarem de seus bebês, podendo não acompanhar a rapidez com que os bebês precisam ficar separados delas. É a mãe devotada comum capaz de envolver-se emocionalmente com o bebê (Winnicott, 1966/2002).

É importante destacar que na fase de *holding*, a mulher apresenta grande disponibilidade emocional para o bebê, além da presença maciça da identificação projetiva, fundamental para o desenvolvimento do ego do bebê.

De acordo com a revisão teórica apresentada, a maternidade é entendida como uma nova fase do desenvolvimento vital. Nesse sentido, o presente artigo buscou investigar os sentimentos das mães durante as primeiras experiências de separação aos três meses de vida do bebê. A interpretação dos dados apoiou-se nas teorias psicodinâmicas da maternidade, especialmente a partir dos conceitos teóricos de Winnicott como a preocupação materna primária, o estado de dependência absoluta, e a mãe devotada comum.

Método

Participantes

Participaram do estudo 21 mães de um bebê com três meses de vida, nascido a termo e saudável. As mães, primíparas, com idade entre 16 e 38 anos, do Programa de Saúde da Família na cidade de Santo Antônio de Jesus (Bahia, Brasil), eram de níveis sócio-econômicos variados. A média de idade das mães era de 24 anos. Quanto ao nível de escolaridade, 59% das mães tinham o ensino fundamental (completo e incompleto), 29% tinham o ensino médio (completo e incompleto), e 12% tinham o ensino superior (completo e incompleto).

As participantes fazem parte da pesquisa "*Interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil no contexto da depressão materna: Estudo Longitudinal no primeiro ano de vida do bebê*"¹ que acompanha o desenvolvimento dos bebês de mães com e sem

¹Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq sob a coordenação da professora, doutora Cristiane A. S. Alfaya.

depressão. Para o presente estudo foi considerado apenas uma das fases de coleta de dados, quando o bebê tinha três meses de vida, de mães sem depressão. Todas as participantes consentiram sua participação através da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* na pesquisa.

Instrumento e Procedimentos

Para este estudo foi utilizada a *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade*².

Quando o bebê completava três meses de vida, a mãe era contatada por intermédio de agentes de saúde, e se agendava uma visita à residência da família. A *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade* era realizada individualmente com as mães.

Resultados

A análise de conteúdo conforme Bardin (1977) foi utilizada para analisar as respostas das mães. Com base na literatura e nas respostas das mães à *Entrevista* foi elaborada a categoria temática envolvendo **sentimentos negativos** como *preocupação, medo, tristeza e culpa*. Esta categoria partiu da seguinte questão da *Entrevista*, a saber: “*Como você se sente quando fica separada do bebê?*”.

Dois codificadores foram utilizados na classificação das verbalizações maternas em cada categoria temática. Eventuais discordâncias eram discutidas e quando necessário, dirimidas na presença de um terceiro codificador.

A seguir, apresenta-se os depoimentos das mães que melhor ilustram esta categoria.

Sentimentos negativos

Para fins de análise esta categoria foi dividida em quatro subcategorias: preocupação, medo, tristeza e culpa. As subcategorias *preocupação, medo, tristeza e culpa* foram elaboradas a partir das seguintes respostas apresentadas nas tabelas 1 e 2.

²A *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade* foi elaborada pelo Núcleo de Infância e Família - NUDIF, integrante do Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GI-DEP/CNPq da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do qual a autora faz parte.

Tabela 1. Sentimentos negativos de *preocupação, medo*

Preocupação	Medo
<p>“Me sinto preocupada demais. Na hora que ela tá dormindo, eu não consigo me desligar. Mesmo que eu não escute choro, eu olho.”</p> <p>“Fico preocupada em deixar nas mãos de estranhos o dia inteiro sem saber se está bem cuidada.”</p> <p>“Não tenho vontade de deixar ela. Fico preocupada. E não ia trabalhar para ficar com ela.”</p>	<p>“Na verdade eu sinto medo. No momento de deixar ela nos braços de um estranho.”</p> <p>“Eu não consigo me sentir bem. Sinto medo, não gosto de deixar ela.”</p> <p>“Sinto medo de perder ela. É insuportável, eu não tiro o olho dela.”</p> <p>“Eu fico com medo e quando saio por meia hora, telefono para ver se está tudo bem.”</p>
<p>“Eu fico preocupada pensando se ele está chorando, com fome.”</p> <p>“Muito preocupada, pensando se ela está bem cuidada.”</p> <p>“Muito preocupada, pensando se ela ia chorar, sentir fome.”</p> <p>“Eu me tornei uma pessoa mais dependente e preocupada.”</p>	

Como se pode ver na Tabela 1, as mães relataram sentimentos negativos de *preocupação e medo* frente as situações de separação.

Tabela 2. Sentimentos negativos de *tristeza, culpa*

Tristeza	Culpa
<p>“Eu acho triste pra mim e pra ela, porque ela está acostumada a ficar em casa só comigo.”</p> <p>“Muito triste. Sinto falta porque a gente era o dia inteiro junto. Quando eu saio ela chora muito. Quando ela me vê, se acalma.”</p> <p>“Horrível, eu chorava. Eu não quero mais trabalhar, eu quero ficar com ele. É muito triste ficar longe dele.”</p> <p>“Eu já comecei a pensar na adaptação dela na creche e vai ser difícil, muito triste.”</p> <p>“A gente tá sempre juntinho, por isso que foi difícil voltar a trabalhar. Me sinto triste.”</p> <p>“É bem difícil, triste. Mas eu sabia que ele estava bem cuidado com a minha mãe.”</p>	<p>“A gente se apega muito, sente falta. Pra trabalhar a gente sente bastante. Eu tinha vontade de estar vendo ele sempre. Me sinto culpada de não poder cuidar.”</p> <p>“Me sinto horrível, horrível. A gente sente falta e fica culpada.”</p> <p>“Quando eu saio, eu já fico louca para voltar para ver se ele tá com fome ou chorando. Volto ansiosa. Me sinto culpada”.</p> <p>“No princípio foi difícil. Me sentia culpada em deixar ela.”</p>

Como se pode ver na Tabela 2, as mães relataram sentimentos negativos de *tristeza e culpa* frente as situações de separação.

Discussão

Os resultados do presente estudo sugerem que as mães entrevistadas, aos três meses de vida do bebê, apresentaram sentimentos negativos de preocupação, medo, tristeza e culpa frente as situações de separação. Estes resultados corroboram as teorias da maternidade, as quais destacam a presença de mudanças físicas, psíquicas e sociais com a chegada do bebê na família, especialmente em se tratando do primeiro filho. Este resultado também nos faz refletir sobre a perspectiva de Winnicott sobre os conceitos de *preocupação materna primária*, a *dependência absoluta*. Neste sentido, os sentimentos negativos frente as situações de separação aos três meses de vida do bebê poderiam ser compreendidas como esperadas ao período, indicando o desenvolvimento emocional em termos de amadurecimento das mães.

Com a maternidade, a mulher entra numa condição psíquica especial de sensibilidade e disponibilidade emocional aumentada, a qual permite que a mãe se identifique com as necessidades do bebê, fornecendo um *holding* adequado. Para isso, a mulher usa de suas próprias experiências como bebê, regredindo parcialmente, para identificar-se com ele. É a mãe devotada comum, capaz de envolver-se emocionalmente e priorizar as necessidades do bebê, abrindo mão de outros interesses. Com isso, pode ser esperado que as mães de bebês com três meses de vida apresentem sentimentos de preocupação, medo, tristeza e culpa ao se afastarem fisicamente dos bebês.

O estado de dependência absoluta e vulnerabilidade, que ocorre até o quinto ou sexto mês de vida do bebê pode ser experimentado pela mãe, quando identificada com o bebê. Este estado tende a diminuir a partir do sexto mês de vida do bebê, com a aquisição da capacidade dele se autorregular, necessitando cada vez menos de regulação externa, promovida pela mãe identificada com ele através do *holding*. Com isso, o sentimento de preocupação, medo, tristeza e culpa, evidenciado neste estudo, não é de todo inesperado, considerando o período de vida dos bebês.

Os resultados do presente estudo oferecem evidências empíricas sobre os conceitos teóricos na perspectiva psicanalítica de Winnicott sobre a transição para a maternidade, e indica a capacidade de dedicação e envolvimento emocional por parte das mães em relação aos bebês.

Conclusões

O presente artigo investigou os sentimentos das mães durante as primeiras experiências de separação aos três meses de vida do bebê. As mães apresentaram sentimentos negativos como *preocupação*, *medo*, *tristeza* e *culpa* ao se afastarem fisicamente do bebê nas primeiras situações de separação. Este resultado foi compreendidos à luz dos conceitos teóricos de Winnicott sobre a maternidade

e, contextualizados ao período do ciclo vital. Apesar de os resultados serem esperados, corroborando as teorias sobre a maternidade, a investigação realizada traz à tona a discussão sobre a questão do apoio social no contexto da transição para a maternidade em mães primíparas. Assim sendo, os resultados encontrados indicam a necessidade de novos estudos na área, considerando o apoio social e o desenvolvimento dos bebês.

Referências

- Bardin L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beck A. & Steer R. (1993). *Beck Depression Inventory*. Manual. San Antonio: Psychological Corporation.
- Brazelton, T. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carter B. & McGoldrick M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cramer B. & Palacio-Espasa F. (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klaus M., Kennell J. & Klaus, P. (2000). *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maldonado M. (1990). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Petrópolis: Vozes.
- Piccinini, C., Gomes, A., Alfaya, C., Sousa, D., Brum, E., Frizzo, G., Silva, M., Lopes, R. (2012). Parentalidade no contexto da depressão pós-parto. In: Alvarenga, P. & Piccinini, C. (Orgs.). *Maternidade e paternidade*, pp. 83-116. São Paulo: Cassa do Psicólogo.
- Prado L. (1996). *Terapeutas e famílias construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern D. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Szejer M. & Stewart R. (1997). *Nove meses na vida da mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott D. (1960/1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: Winnicott, D. (Org.). *O ambiente e os processos de maturação*, pp. 38-54. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott D. (1963/1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: Winnicott, D. (Org.). *O ambiente e os processos de maturação*, pp. 79-87. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott D. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. (Org.). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott D. (1966/2002). A mãe dedicada comum. In: Winnicott, D. (Org.). *Os bebês e suas mães*, pp. 1-11. São Paulo: Martins Fontes.